

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O MUNDO SECRETO DE SERGUEI PARADJANOV
15 e 21 de Março de 2025

TINI ZABUTIKH PREDKIV / 1965

(*"Cavalos de Fogo" ou "Sombras dos Nossos Antepassados Esquecidos"*)

um filme de Serguei Paradjanov

Realização: Serguei Paradjanov / **Argumento:** Serguei Paradjanov e Ivan Tchendei, baseado numa história de Mikhailo Kotsiubinski e em lendas populares ucranianas / **Direcção de Fotografia:** Viktor Bestaiev e Iuri Iliencko / **Direcção Artística:** Mikhail Rakovski e Guiorgui Iakutovitch / **Guarda-Roupa:** Lidia Baikova / **Música:** Miroslav Skorik / **Som:** Sofia Serguienko / **Montagem:** Maria Ponomarenko / **Interpretação:** Ivan Mikolaitchuk (Ivan), Larissa Kadotchnikova (Maritchka), Tatiana Bestaieva (Palagna), Spartak Bagachvili (Iurko), Nikolai Grinko (Batag), Leonid Ienguibarov (Miko), Nina Alissova (a mãe de Ivan), Aleksandr Gai (Palitchuk), Neonila Gnepovskaia (a mãe de Maritchka), Aleksandr Raidanov, Igor Dziura, Valentina Glinko, etc.

Produção: Estúdios Dovjenko / **Cópia:** em DCP (Cópia restaurada pelo The Film Foundation's World Cinema Project e Cineteca di Bologna no laboratório L'Imagine Ritrovata, em colaboração com o Oleksandr Dovzhenko National Centre e em associação com o Dovzhenko Film Studio), colorida, falada em ucraniano, com legendas em inglês e eletronicamente em português, 96 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

O nome de Serguei Paradjanov tornou-se quase lendário, tanto pelos filmes que fez (e pelo facto de os ter feito onde os fez) como pela dura vida a que, sobretudo a partir dos anos 70, as autoridades soviéticas o submeteram. De origem arménia, Paradjanov surge, aos olhos dos espectadores contemporâneos, como um dos símbolos máximos da "dissidência" e do desalinhamento durante os duríssimos anos 70 e 80 da União Soviética, entre o "brejnevismo" e o estertor do império. Paradjanov pagou cara a sua dissidência, e pagou, como se costuma dizer, com o corpo: esteve preso, conheceu o gulag siberiano por dentro (é uma "cause célèbre" a petição assinada nos anos 70 por vários cineastas ocidentais, como Truffaut, Visconti ou Fellini, onde se pedia ao estado soviético a libertação de Paradjanov), foi escorraçado, banido, proibido de trabalhar ou de se movimentar à vontade, e pelo menos durante algum tempo obrigado a subsistir como mendigo nas ruas de Tbilisi. Um bom exemplo de como todas estas agruras marcaram profundamente (e como não?) Paradjanov, tornando-o, ao que consta, um homem extremamente amargo nos seus últimos anos de vida (morreu em 1990, aos 66 anos), pode ser encontrado numa resposta que, diz-se, terá dado a Tarkovski durante uma conversa entre os dois. Ter-lhe-á perguntado o autor de **Solaris**: "*Serguei, o que é que, em tua opinião, me falta a mim, enquanto cineasta?*", e Serguei teria respondido: "*muito sinceramente, acho que te falta teres passado um ano numa prisão de máxima segurança*".

O filme que vamos ver, a sexta longa-metragem de Paradjanov, permanece hoje como um dos seus filmes mais célebres, e foi muito graças a ele que o seu nome começou a ser conhecido fora da União Soviética (chegou mesmo a ser seleccionado para festivais no continente americano, em São Francisco ou em Montreal). Pelo menos uma das razões porque Paradjanov foi tão perseguido (a par da homossexualidade e da religiosidade) se encontra aqui bem exposta: o seu gosto pela celebração da “diferença”, do regionalismo, e das culturas específicas que coexistiam por debaixo do grande “bloco” uniforme que a União Soviética pretendia ser – e quando foi acusado (e condenado) por “agitação anti-soviética”, um dos pretextos baseava-se justamente nessa afirmação de culturas populares e mitologias tradicionais que subsistiam mais ou menos sufocadas debaixo da pata ideológica do aparelho de Estado.

Neste caso não se trata da Arménia natal de Paradjanov, mas da Ucrânia. O filme foi concebido para comemorar o centenário do nascimento de um importante escritor ucraniano, Mikhailo Kotsiubinski, e Paradjanov mesclou a história que dele explicitamente adaptava com um sem número de “inspirações” vindas de contos e lendas populares ucranianas. Num certo sentido, **Tini Zabutikh Predkiv** pode perfeitamente ser chamado um filme etnográfico, pelo menos um filme com uma fortíssima componente de recolha etnográfico: do princípio ao fim, pelo écran desfila um imaginário de raízes intrinsecamente populares e regionais, como se a Paradjanov preocupasse menos a encenação de uma história ou narrativa específica, e mais a encenação dos códigos e das origens, mitológicas e folclóricas, que sustentam essa narrativa. É algo que passa de modo bastante explícito, por exemplo, através da música: este é um filme percorrido por um espírito de “opera popular”, verdadeiramente um filme musical, que canta a especificidade local de um povo, de uma região, e de uma cultura. Ainda neste aspecto, seria interessante – sobretudo a partir do olhar de Paradjanov sobre as questões da religiosidade semi-pagã deste universo – averiguar a que ponto um filme como este teria ou não exercido alguma real influência sobre o Pasolini da trilogia **Decameron-Canterbury-Mille e una Notte**, que aborda de forma bastante aproximável o tema das raízes e do folclorismo, em articulação com a vivência tradicional da religiosidade e dos mitos (ou das narrativas) que estruturam os imaginários populares.

Costuma-se dizer que Paradjanov foi, como poucos, um “cineasta-pintor”. Perante **Tini Zabutikh Predkiv** não há como desmentir esse qualificativo. Eis o que disse o cineasta arménio sobre o que quis fazer deste filme: *“Quería fazer um filme sobre as paixões, compreensível a qualquer pessoa, e tentei transmitir essas paixões numa palavra, numa melodia, em todas as coisas tangíveis. E claro, em cores. Aqui, confiei mesmo muito na pintura... O amor, o desespero, a solidão, a morte – este era o fresco que eu estava a tentar criar”*.

Luís Miguel Oliveira